

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

MARINA RIBEIRO FAGUNDES

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SEUS USOS E
BENEFÍCIOS NO MUNICÍPIO DE TAPES RS**

Porto Alegre

2022

MARINA RIBEIRO FAGUNDES

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SEUS USOS E
BENEFÍCIOS NO MUNICÍPIO DE TAPES RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dra. Gabriela Peixoto Coelho-de-Souza.

Coorientadora: Me. Renata Tomaz do Amaral Ribeiro.

Porto Alegre

2022

MARINA RIBEIRO FAGUNDES

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E SEUS USOS E
BENEFÍCIOS NO MUNICÍPIO DE TAPES RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de ____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Gabriela Peixoto Coelho-de-Souza – orientadora UFRGS

Prof. Dra. Rafaela Biehl Printes - UERGS

Prof. Me. Ana Júlia Mourão Salheb do Amaral - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus por chegar até aqui, pela força que me deu durante esses anos de graduação. Agradeço a minha família que sem dúvidas foram essenciais para mim, em especial a minha mãe querida que fez sempre de tudo por mim e ao meu anjo protetor, meu paizinho que infelizmente hoje se encontra ao lado de Deus, mas do fundo do meu coração sou eternamente agradecida, pois foi uma das pessoas que mais vibrou comigo quando iniciei minha trajetória acadêmica. Ao Gustavo, meu noivo, não menos importante que foi sempre meu pilar, minha base, meu apoio diário, só tenho gratidão.

A minha coorientadora Renata Tomaz do Amaral Ribeiro que me guiou e me esclareceu todas as minhas dúvidas, me ajudou nas dificuldades durante a elaboração do TCC e foi paciente e compreensiva durante essa etapa, minha eterna gratidão e com certeza sempre será lembrada por mim.

Aos meus colegas, que durante o curso foram parceiros nas dificuldades encontradas, bem como à querida Ana Paula, nossa orientadora do Polo de São Lourenço do Sul, uma pessoa incrível que esteve sempre com nós na boa e na ruim o meu muito obrigada.

RESUMO

Trata-se de um estudo de caso de caráter exploratório que teve como objetivo atentar para a trajetória de uma guardiã de saberes sobre plantas medicinais, em que se buscou refletir como as práticas da referida interlocutora têm contribuindo para a conservação da biodiversidade. Assim, neste estudo, buscou-se descrever como as plantas medicinais são cultivadas e consumidas e analisar como essas práticas e saberes têm contribuído para a conservação da biodiversidade. Para o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso, foram realizadas pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, em que se aplicou as seguintes técnicas: observação, elaboração de diários e entrevista semiestruturada. Constatou-se que a interlocutora desta pesquisa, além de guardiã de saberes a respeito das plantas medicinais, também possui o papel de educadora ambiental, uma vez que é procurada por ser e ao mesmo tempo possuir uma "farmácia viva"; além de mudas, também distribui conhecimento, contribuindo assim tanto para a valorização de práticas e saberes a respeito do consumo e do cultivo dessas plantas, como também para a conservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Plantas. Biodiversidade. Guardiã. Mediciniais. Conservação.

ABSTRACT

This is an exploratory case study that aimed to pay attention to the trajectory of a guardian of knowledge about medicinal plants, in which it sought to reflect on how the practices of that interlocutor have contributed to the conservation of biodiversity. Thus, in this study, we sought to describe how medicinal plants are cultivated and consumed and to analyze how these practices and knowledge have contributed to the conservation of biodiversity. For the development of this course conclusion work, bibliographic research and field research were carried out, in which the following techniques were applied: observation, diary writing and semi-structured interview. It was found that the interlocutor of this research, in addition to being a guardian of knowledge about medicinal plants, also has the role of an environmental educator, since she is sought after for being and at the same time having a "living pharmacy"; in addition to seedlings, it also distributes knowledge, thus contributing both to the valorization of practices and knowledge regarding the consumption and cultivation of these plants, as well as to the conservation of biodiversity.

Keywords: Plants. Biodiversity. Guardian. Medicinal. Conservation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Algumas plantas medicinais cultivadas por Silvia.....	19
Figura 2 – Chá de cavalinha.....	19
Figura 3 – Silvia nossa interlocutora em sua propriedade.....	20
Figura 4 – Citronela usada por Silvia para afastar mosquitos.....	21

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EMBRAPA	Empresa brasileira de pesquisa agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de geografia e estatística
NEA	Núcleo de Estudos em Agroecologia
PANC	Plantas alimentícias não convencionais
SAN	Segurança alimentar e nutricional
SENAR	Serviço nacional de aprendizagem rural
SUS	Sistema único de saúde
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

**LISTA DAS PLANTAS COMO POPULARMENTE SÃO CONHECIDAS E
RESPECTIVOS NOMES CIENTÍFICOS**

Anis	<i>Pimpinella anisum</i>
Boldo	<i>Plectranthus Barbatus</i>
Cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i>
Capim cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i>
Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>
Cavalinha	<i>Equisetum arvense</i>
Chá de mil folhas	<i>Achillea millefolium</i>
Chá sete sangrias	<i>Cuphea carthagenensis</i>
Citronela	<i>Cymbopogon</i>
Folha de goiabeira	<i>Psidium guajava</i>
Folha de zé da Silva	<i>Aster squamatus</i>
Folha-da-fortuna	<i>Kalanchoe</i>
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i>
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>
Guaco	<i>Mikania glomerata</i>
Hortelã Aveludada	<i>Plectranthus amboinicus</i>
Hortelã comum	<i>Mentha spicata</i>
Hortelã pimenta	<i>Mentha × piperita</i>

Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i>
Laranjeira	<i>Citrus × sinensis</i>
Lavanda	<i>Lavandula</i>
Manjerona	<i>Origanum majorana</i>
Marcela	<i>Achyrocline satureioides</i>
Melissa	<i>Melissa officinalis</i>
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana (Amaranthaceae)</i>
Picão Preto	<i>Bidens pilosa</i>
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>
Quebra-Pedra	<i>Phyllanthus niruri</i>
Quebra-pedra Rasteira	<i>Euphorbia prostrata</i>
Tansagem	<i>Plantago major</i>
Urtiga	<i>Urtica</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA.....	14
2.1	O INTERESSE EM ESTUDAR AS PLANTAS MEDICINAIS E DE QUE FORMA CONHECI A SILVIA.....	14
2.2	COMO FOI REALIZADO ESSE ESTUDO DE CASO.....	15
3	O QUE A SILVIA TEM PARA NOS CONTAR SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS?.....	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	29
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO.....	30

1 INTRODUÇÃO

O uso das plantas medicinais está presente desde o início da humanidade. Estas plantas são utilizadas não apenas para o tratamento de doenças, mas também em rituais, como símbolos, aromas entre muitas outras funções destinadas a elas. Assim, abaixo, podemos constatar antigos usos de algumas dessas plantas:

Conta a história que, desde 3000 a.C., na China, o imperador Shengnung experimentava o poder do ginseng. Destaca-se que esse imperador viveu 123 anos. Também na China, o Imperador Huang Ti mencionava 252 plantas em seu “Cânone das Ervas” (2.798 a.C.). Um dos herbários mais antigos pode ser encontrado atualmente no Egito, os papiros de Erbs, que catalogou 125 plantas medicinais e 811 receitas. Destacou-se no Egito o médico Imhotep, que utilizava ervas medicinais em suas curas. Além da cura, os egípcios utilizavam plantas no famoso método de preparo das múmias que, até os dias atuais, não está totalmente desvendado. No ano de 400 a.C, Diocles escreveu o primeiro livro conhecido sobre ervas medicinais, sistematizando os conhecimentos adquiridos até aquele momento (BRAGA, 2011, p.10).

Segundo Braga (2011), na idade média com a forte influência da igreja católica as pesquisas que já existiam e as que estavam por vir a respeito das plantas medicinais foram descartadas pelo fato de a igreja ser contra os conhecimentos científicos. Apenas voltando os assuntos sobre as plantas medicinais, no século XIII, por meio das escolas de Salerno e Montpellier, na Europa (BRAGA, 2011). O período da idade média no qual a igreja católica não considerava os estudos sobre as plantas medicinais se deu até o século XIII, posterior a isso segundo Silveira et al. (2013), os estudos científicos avançaram rapidamente nesse período.

Almeida (2003), ao refletir sobre as antigas origens, recorda os egípcios e o egiptólogo alemão Yorg Ebers que descobriu, no final do século XIX, um grande papiro (com datas por volta de 1500 anos a.c) com uma variedade enorme de espécies vegetais para tratar diversos tipos de doenças. Já na Grécia, Pedacius Discórides escreveu um livro que serviu como base para grande fonte de conhecimento sobre as plantas medicinais por mais de 1500 anos.

Já no Brasil o uso das plantas medicinais, conforme Braga (2011, p. 11):

[...] era prática utilizada pelos índios que aqui viviam nos rituais praticados pelos “pajés”. O conhecimento dos poderes de diversas ervas eram adquiridos e repassados de geração em geração. Com a chegada dos colonizadores europeus, esse conhecimento também foi repassado a esses, que exploraram as diversas regiões do país. Na verdade, o conhecimento aqui encontrado foi somado ao conhecimento trazido pelos europeus, incentivando ainda mais os estudos e a utilização das ervas. (BRAGA, 2011, p. 11).

Segundo Almeida (2003) ao ser recordado por Braga (2011), também houve no Brasil importante influência da cultura africana, pois os negros escravizados utilizavam essas

ervas para a prática de rituais religiosos e para tratar diversos tipos de doenças. As populações africanas, além de novas plantas medicinais, trouxeram junto a elas, suas culturas, crenças, rituais; assim como, espécies brasileiras de plantas medicinais também foram levadas para o continente africano (SILVA et al., 2014). Nas palavras do autor:

No Brasil, desde o início da colonização, os povos que aqui chegaram, como os africanos escravizados trouxeram saberes ancestrais sobre o uso das plantas medicinais. Contudo, por se tratar de povos ágrafos, o saber transmitido sempre foi oral, veiculado pelos mais velhos que se “especializavam” em determinadas áreas. A medicina, ou poder de curar, é uma delas (SILVA et al., 2014, p.3).

Ademais, também houve a intervenção dos europeus. Conforme Andrade (2009), no Brasil, tanto nas áreas mais recentes, como o Acre, como nas mais antigas situadas no Nordeste, é possível perceber a marcante presença de plantas medicinais trazidas pelos colonizadores.

Tendo traçado esse panorama, podemos entender que as plantas medicinais possuem diversas origens, que emergiram em diferentes países e culturas. Assim, não podemos apontar uma só origem. Por outro lado, constata-se que os diversos estudos sobre as plantas medicinais têm contribuído para o descobrimento de novas e variadas espécies de plantas medicinais no mundo todo.

Considerando essas novas descobertas, um assunto importante a ser destacado é a biopirataria, que segundo Galdino (2006), está associada diretamente às instituições de pesquisas e empresas, que com a exploração ilegal de animais e plantas, criam novos produtos passando a deter patentes. Infelizmente a legislação brasileira é ineficaz quanto à exploração comercial, facilitando com isso a prática da biopirataria (GALDINO, 2006). Galdino (2006) cita como exemplo direto de biopirataria, o caso do chá de quebra-pedra que é popularmente utilizado para o tratamento de doenças renais e como diurético. Essa planta foi processada por um laboratório norte-americano e posteriormente revendida ao Brasil na forma de remédio industrializado, porém mesmo esses recursos sendo explorados no Brasil, o país não recebeu nenhum retorno financeiro (GALDINO, 2006). É importante mencionar que, segundo Galdino (2006, p.5): “O Brasil é o país de maior diversidade biológica do mundo. Estima-se que detemos entre 15 a 20% de toda a biodiversidade do planeta. Só a Amazônia detém 26% das florestas tropicais remanescentes no mundo”.

Abreu (2020) apresenta uma grande variedade de plantas medicinais utilizadas no Brasil, entre elas estão a babosa usada para queimaduras, feridas e inflamações na pele. A camomila boa para ansiedade e insônia. O guaco, utilizado para vias respiratórias obstruídas e

estados gripais. O quebra-pedra, como chá, serve para o tratamento de cálculos renais e infecções urinárias. O boldo que também é utilizado, em formato de chá, para problemas digestivos, como azia e indigestão; e o gengibre, que através do chá da raiz, trata rouquidão e problemas na garganta (ABREU, 2020).

Rodrigues (2004) explica que, muitas dessas plantas, possuem alta resistência a ataques de pragas e doenças e que em um ambiente adequado, com as plantas bem nutridas, os possíveis ataques diminuem ainda mais. O uso de agrotóxicos para o cultivo das plantas medicinais não é apropriado devido à ausência de produtos registrados para estas espécies, bem como as modificações que esses insumos podem fazer nos princípios ativos das plantas medicinais (RODRIGUES, 2004). Ocorrendo, inclusive, a permanência de resíduos tóxicos, metais pesados como o chumbo e o cádmio (RODRIGUES, 2004).

Nesse sentido, se para o cultivo de alimentos já se procura outros meios de produção para evitar o uso de produtos químicos, para os fitoterápicos esse cuidado deve ser redobrado. O que mostra a relevância do cultivo caseiro e comunitário dessas plantas, que frequentemente são cultivadas, tanto no contexto rural como no urbano, em quintais, canteiros e hortas, sem o uso de qualquer tipo de agrotóxico, como veremos neste trabalho de conclusão de curso, ao atentarmos para a trajetória de uma guardiã de saberes sobre plantas medicinais. Assim a **relevância/justificativa** desse estudo, está no fato de que, as plantas medicinais continuam ganhando espaço no mundo todo para tratar diversos tipos de doenças, podendo na maioria das vezes serem cultivadas em hortas residenciais. Nas palavras de Almeida (2003, p.28):

As indicações terapêuticas tradicionais (práticas não-alopáticas) indicam plantas para fins medicinais que extrapolam em muito a terapêutica convencional (alopatia), assumindo, em determinados momentos, um caráter místico, embasado em crenças culturais inerentes ao grupo étnico. Assim, na maior parte das doenças, o processo de cura não é regido apenas pelo princípio farmacológico do recurso natural utilizado, mas também por crenças próprias dessa cultura, que resistem há gerações, garantindo a saúde dos seus descendentes.

Outro ponto de relevância, que justifica essa pesquisa para o desenvolvimento rural, é que a utilização dessas plantas através do saber popular é frequentemente ancestral. A valorização da cultura popular e dos saberes tradicionais são, portanto, importantes tanto para a continuidade dessas práticas como para a conservação do meio ambiente. Afinal, por mais que as tecnologias estejam constantemente avançando, o acesso direto às plantas e suas propriedades não deve se perder e sim se aprimorar. Afinal, as plantas medicinais aproximam os sujeitos da natureza e proporcionam bem-estar e qualidade de vida.

A fitoterapia da oportunidade às pessoas terem contato com a natureza, trazendo diversos benefícios, no organismo ajudando na normalização das funções fisiológicas trazendo também a alta da imunidade, promovendo o rejuvenescimento e eliminando possíveis substâncias tóxicas (FRANÇA, 2008, p. 202).

Desse modo, o cultivo e o consumo de plantas medicinais, além de frequentemente estar associado a práticas e conhecimentos ancestrais e a cultura popular, também pode proporcionar uma maior qualidade de vida. Além disso, Flávia Marques (2015), destaca outro aspecto importante a respeito das plantas medicinais, trata-se do direito de as pessoas escolherem o método para se curarem, podendo ser por meio das plantas medicinais ou através das inovações, os remédios encontrados em farmácia. Ressaltando também que, na maioria das vezes, as mulheres possuem grande influência nos saberes a respeito das plantas medicinais, nas quais historicamente são detentoras desses conhecimentos e cuidadoras da família (MARQUE, 2015).

Assim, considerando esse cenário, esse estudo de caso a respeito do cultivo e da transmissão de saberes sobre essas plantas, buscou responder ao seguinte **problema de pesquisa**: *como a guardiã de saberes sobre o cultivo e consumo de plantas medicinais (Silvia) têm contribuído para a conservação da biodiversidade?* Desse modo, como **objetivo geral**, essa pesquisa buscou *compreender como essa guardiã de saberes sobre o cultivo e consumo de plantas medicinais, têm contribuído para a conservação da biodiversidade*. Já como **objetivos específicos** este estudo procurou: a) *descrever como as plantas medicinais são cultivadas e consumidas e b) analisar como o cultivo e consumo de plantas medicinais contribui para a conservação da biodiversidade*.

Para tanto, no capítulo 2 deste estudo, explico como surgiu o meu interesse em estudar as plantas medicinais, bem como reflito sobre as técnicas de pesquisa utilizadas para este estudo de caso. No capítulo 3, apresento a Silvia, interlocutora deste estudo, bem como reflito sobre tudo que foi observado e ouvido em campo, atentando especialmente para a entrevista semiestruturada. Por fim, no capítulo 4, trago as considerações finais deste estudo, que nos revelam como a Silvia, enquanto guardiã de saberes sobre o cultivo e consumo dessas plantas, tem contribuído como educadora ambiental para a conservação da biodiversidade.

2 METODOLOGIA

2.1 O INTERESSE EM ESTUDAR AS PLANTAS MEDICINAIS E DE QUE FORMA CONHECI A SILVIA

A pesquisa em questão se desenvolveu devido a curiosidade da acadêmica em questão. Desde pequena quando tinha alguma dor no estômago, gripe, resfriado, minha mãe sempre me deu chás para tomar, como o chá de marcela, camomila, guaco. Enfim, para cada problema era um chá diferente. Assim, as plantas medicinais estão presentes em minha vida desde a infância. Posso dizer que o uso delas, de certa forma, guarda memórias afetivas, que se conectam com o toque de minha mãe, um carinho, uma forma de fazer e de cuidar. Nas palavras de Maciel (2001, p. 151), “O toque da ‘mãe’ é uma assinatura, que implica tanto no que é feito, como na forma pela qual é feito [...]”.

Outro importante momento de minha trajetória junto às plantas medicinais, ocorreu no início da adolescência. Por volta dos meus quatorze anos iniciei com crise renal, anos com problema de pedra nos rins fazendo acompanhamento com médicos especialistas e tomando medicamentos alopáticos, mas nada curava. Em 2020, mais precisamente em outubro, tive novamente outra crise renal e chegando na farmácia para comprar remédios por indicação médica, uma farmacêutica, conhecida da minha cidade, me apresentou o chá de quebra-pedra, me contando que a referida planta a ajudou muito nesse problema. Ela me deu pronto, foi na casa dela e me trouxe o líquido já dentro de uma garrafinha branca, fiz o uso por uma semana todos os dias, três vezes ao dia. Resultado, nunca mais tive se quer uma dorzinha, no ano seguinte fui fazer exames de rotina e pela minha alegria não tinha nenhuma pedra. Todo ano tinha cólica renal, não passava um ano em branco, era uma tortura quando começava, quem tem esse problema sabe do que estou falando.

Já não bastasse a minha conexão afetiva com as plantas medicinais e o enfrentamento àquela crise renal, foi mais ou menos na metade da graduação, que fiz um trabalho, em grupo, entre quatro colegas¹, fomos visitar uma propriedade em São Lourenço do Sul, na qual a proprietária trabalhava com plantas medicinais. Ela fazia pomadas, participava de oficinas como palestrante e faz parte do roteiro de turismo *Caminho Pomerano* no município de São Lourenço do Sul. Desse modo, posso dizer, que foi em virtude dos chazinhos da minha mãe, de

¹ Marina, Rerbert, Elói, Rodrigo.

uma crise renal e em função desse trabalho em grupo, que o meu interesse a respeito das plantas medicinais foi se ampliando.

Dessa forma eu estava decidida no tema do meu trabalho de conclusão: as plantas medicinais. Na época, a ideia era desenvolver esse estudo, junto a Inez Klug (dona da propriedade citada acima), para tanto, desenvolvi na época, na disciplina de “Impactos ambientais e etnoecologia”, ministrada pela professora Gabriela Coelho-de-Souza, um projeto de pesquisa nesse sentido. Entretanto, como estou morando em Tapes, e com a correria do dia a dia, ir até São Lourenço do Sul e colocar em prática o meu primeiro projeto de pesquisa, seria inviável.

Assim, para o início da pesquisa que deu origem a esse trabalho de conclusão de curso, tive o primeiro encontro com a minha professora orientadora Gabriela Coelho e a minha tutora e coorientadora Renata Ribeiro. Nesta ocasião, a professora Gabriela falou de Silvia e me sugeriu convidá-la para participar desta pesquisa, na intenção de conhecer mais sobre como a sua trajetória se conecta com as plantas medicinais. Antes, contudo, com o apoio das minhas orientadoras, eu elaborei uma segunda versão do projeto de pesquisa, este sim, colocado em prática, resultando neste estudo de caso.

2.2 COMO FOI REALIZADO ESSE ESTUDO DE CASO

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, que assim como sugere Machado (2021, p.1) “[...] examina evidências baseadas em dados verbais e visuais para entender um fenômeno em profundidade; seus resultados surgem de dados empíricos, coletados de forma sistemática”. A pesquisa, em questão, foi desenvolvida no município de Tapes², Rio Grande do Sul, e ocorreu no período de 30 de março de 2022 a 31 de maio de 2022.

Trata-se, mais especificamente, de um estudo de caso, que como apontam Gerhardt e Silveira (2009) ao recordarem Alves-Mazzotti (2006), focam apenas em uma unidade; isto é, na trajetória de um indivíduo ou de um pequeno grupo, ou ainda de uma instituição, um programa ou um evento. Assim, neste estudo, se buscou atentar para a trajetória da interlocutora

² Segundo dados do IBGE a população estimada de Tapes é de 16.629 pessoas. O município conta com 14.478 da população urbana e 2.151 da população rural. Segundo Aplicari (2022), Tapes está localizado no litoral da Lagoa dos Patos, possuindo uma grande riqueza natural, responsável pelo turismo, sendo a agricultura outra atividade econômica que se destaca. “Eventos de abrangência local, regional e nacional, relacionados à música popular, dança, automobilismo, pesca, religião, entre outros, contribuem para atrair a Tapes turistas de várias regiões” (APLICARI, 2022).

e guardiã de saberes sobre plantas medicinais, Silvia. Ela é graduada em Gestão Ambiental na (UERGS) e tem como uma de suas atividades diárias o cultivo de plantas medicinais. Em sua propriedade, ela cultiva plantas medicinais e ervas aromáticas que são transformadas em remédios naturais que são utilizados em seu cotidiano e também distribuídos para amigos e conhecidos. Outrossim, dado o curto período de tempo para a elaboração deste estudo de caso, o definimos como de caráter exploratório, uma vez que, conforme Gerhardt e Silveira (2009) ao recordarem Gil (2007):

Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Logo, para esse estudo, foram realizadas, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, situação esta última, em que foram aplicadas as seguintes técnicas: observação e posterior elaboração do diário de campo, bem como o uso de máquina fotográfica. Além das referidas técnicas também foram realizadas conversas pelo WhatsApp e entrevista semiestruturada, baseada em roteiro disponível no apêndice A. Vale ratificar que a pesquisa foi realizada em período pandêmico. É importante apontar que a interlocutora assinou o termo de consentimento livre e esclarecido, recebendo uma via deste documento (Apêndice B). No mais, aponto que para este estudo, decidi optar pelo uso do nome verdadeiro da interlocutora, primeiro porque ela não solicitou anonimato, e segundo porque entendo, que neste caso, revelar o nome dela, é também valorizar a guardiã e as práticas e conhecimentos que ela mantém e dissemina.

No mais é importante apontar os critérios utilizados para identificação científica das plantas. Foi possível identificar seus respectivos nomes científicos por meio de site da internet mais especificamente o site (cultivando.com.br) onde consta todos os nomes específicos das plantas medicinais citadas aqui.

Desse modo, no capítulo que segue, apresento a interlocutora desse estudo, mostrando como a sua trajetória se conecta às plantas medicinais. Além disso, revelo como essa guardiã de saberes sobre plantas medicinais ou "farmácia viva" (como ela mesma se autodenomina) tem um importante papel, mesmo que sem perceber, como educadora ambiental que contribui para a conservação da biodiversidade.

3 O QUE A SILVIA TEM PARA NOS CONTAR SOBRE AS PLANTAS MEDICINAIS?

A pesquisa de campo foi realizada no ambiente residencial de Silvia, que tem aproximadamente meia idade. Localizado na área urbana do município de Tapes Rio Grande do Sul, o local possui 13m X 44m e a parte cultivável é de 350m². Ao chegar, pela primeira vez, na propriedade da interlocutora, que me recebeu muito bem, pude sentir um ar fresco, puro, coberto por diversos tipos e espécies de plantas. Na ocasião, com uma voz doce, ela caminha em direção às plantas tocando-as e explicando sobre cada uma delas, como utilizá-las e seus benefícios.

Ela destaca que seu trabalho começou em 1993 com o cultivo de plantas medicinais e, das atualmente conhecidas, PANC³. Por meio da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em 2015, começou aprimorar seus cultivos tendo como base o livro “Plantas Alimentícias não Convencionais” escrito por Valdely Ferreira Kinupp e Harri Lorenzi (2014). A busca pelas plantas medicinais para cultivo em sua propriedade tem acontecido através de conhecidos, que sabendo de seu interesse, a presenteiam com mudas e sementes, bem como na rua, em podas. Silvia também distribui suas mudas, entre amigos, parentes, conhecidos, que muitas vezes a procuram em busca de alguma planta medicinal em específico. Ela relata ter 200 espécies de plantas cultivadas. Dentre elas, chás, árvores frutíferas, plantas ornamentais, possuindo até mesmo um microclima naquele lugar devido aos cultivos na propriedade.

Ela está incluída, no Whatsapp, em dois grupos biodinâmicos, ambos de agricultores da região do estado do Rio Grande do Sul, sendo um grupo chamado “Agricultura Biodinâmica” com 16 participantes e o outro com 46, chamado “agricultores construindo agricultura”, onde interagem diariamente em constante trocas de saberes. Dificilmente possuem encontro presencial, suas relações de troca de conhecimento são todas virtuais, e como a maioria mora em cidades diferentes, dificulta mais ainda ter encontro presencial.

Para a melhoria do solo para o cultivo das plantas, Silvia utiliza os chamados preparados biodinâmicos utilizados em determinadas épocas do ano. Segundo Silvia, essa ideia foi criada

³ Conforme Ribeiro e Menasche (2019) ao recordar Kinupp e Lorenzi (2014), “as PANC são todas as plantas e partes delas que são consideradas comestíveis, mas não são convencionalmente consumidas e comercializadas”. Entre elas estão, “raízes tuberosas, tubérculos, bulbos, rizomas, cormos, talos, folhas, brotos, flores, frutos e sementes ou ainda látex, resina e goma, ou indiretamente quando são usadas para obtenção de óleos e gorduras alimentícios. Inclui-se, neste conceito, também as especiarias, substâncias condimentares e aromáticas, assim como plantas que são utilizadas como substitutas do sal, bem como edulcorantes (adoçantes), amaciantes de carnes, corantes alimentícios e aquelas utilizadas no fabrico de bebidas, tonificante e infusões” (Kinupp; Lorenzi, 2014, p. 13).

por Rudolf Steiner, sendo um adubo, e tendo como objetivo o fortalecimento do solo. Ela explica:

Fazemos esses preparados em determinadas épocas do ano, utilizamos chifre de boi com esterco, isso lida com a parte espiritual que vem dos planetas através da sílica, tudo materiais da terra que agem nas plantas. A Sílica nós mesmos fazemos, pegamos o cristal ou uma pedra branca, mas de preferência cristal.

Silvia conta que depois que tem o chifre, se deve colocar uma pequena porção em um litro de água e fazer círculos com a mão em cima, desejando amor, solo fértil, o que seu coração desejar, posterior a isso é colocado o líquido no solo. Ela explica ter aprendido isso através do curso de agricultura biodinâmica.

Silvia também possui um minhocário com minhocas californianas para o processo de compostagem. Em situação de campo, observei Silvia abrir um barril azul de plástico de aproximadamente uns 40 cm de altura onde ficam as minhocas californianas e me contar de seus cuidados diários com suas plantas, assim a questioneei “deve te dar muito trabalho cuidar de tudo isso neh?”, e obtive uma incrível resposta que demonstrou muito amor pelo que ela faz, assim Silvia responde: “Não, nenhum pouco, agricultura não dá trabalho, meu lazer é fazer isso, o cuidado diário com as podas, a procura por mais mudas, a adubação do solo, isso tudo é maravilhoso para mim, fora isso, no mais é só manejo mesmo”.

Silvia, na mesma oportunidade, me mostra um caderno simples com suas anotações de cada planta que possui em sua propriedade, pois relata serem muitas e para não perder o controle de tudo que possui, descreve-as em seu caderno com grande variedade. Dentre as plantas medicinais cultivadas por Silvia estão: a folha-da-fortuna, a quebra-pedra rasteira, a quebra-pedra de árvore, o capim cidreira, a cavalinha, a penicilina, o chá sete sangria, o anis, gervão, o chá de mil folhas, a marcela, o hortelã aveludada, a hortelã comum, o hortelã pimenta, o poejo, a manjerona, a trançagem, a lavanda, a jurubeba, a melissa entre outros chás e ervas medicinais. Silvia me apresentou a maioria delas, com muita calma e paciência me explicava qual era cada uma. Todas as plantas que possui em sua propriedade, foi ela quem plantou em uma construção diária, que vem sendo desenvolvida há mais de 20 anos, segundo Silvia. Durante a conversa com a interlocutora foram realizados registros fotográficos, autorizados, onde disponibilizamos as imagens a seguir:

Figura 1 — Algumas plantas medicinais cultivadas por Silvia

Penicilina



Anis



Capim cidró



Fonte: autoria própria (2022).

Figura 2 — Chá de cavalinha



Fonte: autoria própria (2022).

Figura 3 — Silvia nossa interlocutora em sua propriedade



Fonte: autoria própria (2022).

Figura 4 — Citronela usada por Silvia para afastar mosquitos



Fonte: autoria própria (2022).

Para que possamos entender como as plantas medicinais entraram na vida da Silvia, vamos agora mergulhar na trajetória da interlocutora. Ela relata em entrevista:

Vivi no rural até os meus três anos e 8 meses, depois vim para Tapes e tive contato com o rural até os meus 8 anos no qual, às vezes ficava na casa da avó. Posteriormente vim morar definitivamente em Tapes e aqui minha avó continuou com a agroecologia mesmo ela não sabendo esse nome agora tão falado.

Silvia diz que sua avó viveu 93 anos, segundo ela, sem nunca ter hipertensão, teve apenas uma hospitalização quando criou abelhas e foi picada por diversas. Essa avó, paterna, se aposentou com 73 anos. Conforme reflete Silvia, em entrevista, “sempre havia fartura para receber os netos” até o seu falecimento em 1997. “A casa própria eles conseguiram através do meu pai e tio, compraram e viveram a vida no rural, cuidando da propriedade e criando os filhos”.

Os avós maternos de Silvia possuíam uma grande área de terra em Sertão Santana bem como alambique e atafona, plantavam cana-de-açúcar e havia uma tradição, filhos estudavam só até a quinta série, se quisessem estudar mais teriam que ir para a capital trabalhar e pagar seus estudos. Silvia, em entrevista, destaca: “as mulheres todas foram, minha mãe foi com 16 anos, mas iniciou o curso de música e artes mas não conseguiu estudar mais, devido aos horários do trabalho, era cuidadora de idosa, saiu com 24 anos, casou e foi para o rural”.

No rural as “vendas como chamavam o comércio na cidade, era difícil ir, então a alternativa era usar o que tinha em casa. Minha mãe fazia balinha de açúcar, xarope caseiro de mel guaco e folhas de laranja”, ressalta a interlocutora, em entrevista. Silvia também lembra, durante a entrevista, que:

Na quaresma sempre colheram marcela para durar até o ano seguinte. Minha mãe economizava muito para poder dar o melhor a todos os filhos, no qual são cinco. Meus pais casaram em 1960 e em 1973 vieram morar na cidade, meu pai virou caminhoneiro, a mãe no rural vinha com uma maletinha de quando era solteira cheia de ovos e vendia em Tapes.

O pai de Silvia quando trabalhava na lavoura, os patrões (muito amigos até hoje) davam porcentagem no arroz, dali eles conseguiram vir para cidade e venderam umas vacas que criavam. As três filhas fizeram faculdade, um irmão estudou até a sexta série e o outro até o início do antigo 2º grau, hoje os dois são caminhoneiros.

A mãe de Silvia lia muito, ela e o pai de Silvia falavam alemão, não quiseram que os filhos aprendessem devido ao que sofreram no tempo de escola, durante a 2º guerra mundial. Silvia faz uma reflexão sobre sua mãe: “Ela assistia muita televisão e havia muitos programas que tratavam sobre plantas, tipo globo rural, globo repórter”. A interlocutora diz que assim sua mãe aprendeu muito e que somado aos conhecimentos passados por seus pais (avós de Silvia), a mãe da interlocutora tinha bastante entendimento sobre as plantas medicinais.

Aqui podemos perceber que a guardiã de saberes (Silvia) tem um histórico familiar, passado de geração em geração, sobre os conhecimentos das plantas medicinais, que é passado de sua avó para sua mãe, e posteriormente para Silvia. Assim, inspirada em Renata Ribeiro (2020), aponto que, assim como as PANC estudadas pela autora, algumas plantas medicinais, podem guardar práticas e saberes de preparo e consumo que são passados de geração em geração.

Nesse sentido, Silvia recorda sobre o chá de carqueja, um dos chás que a sua mãe fazia, diz ela “às vezes tinha umas três plantas e era feito em leiteira, muito fervido e bebia durante o dia e deixava tampado. Lembro da tansagem, picão preto, camomila, capim-cidrô, urtiga para circulação”. Silvia relata que sempre fez o uso de plantas medicinais, dentre elas chá de hortelã, camomila, quebra-pedra, folha da cana-de-açúcar, folha de goiabeira, folha de zé-da-silva, esse último, segundo a interlocutora, é nativo e cura diarreia crônica. A mãe de Sílvia aprendeu com uma benzedeira. De acordo com a interlocutora, "antigamente havia muitas benzedoiras" e como a mãe dela contava que Silvia nasceu com o “umbigo rendido” (assim diziam para o umbigo que ficava para fora da barriga) precisou levá-la em uma benzedeira. Contou-me que assim que a levaram o umbigo voltou ao normal.

Outros preparados à base de plantas medicinais que Silvia consome são: xarope de bananinha-do-mato, chá de transagem, chá capim-cidrô, chá de penicilina esse, segundo ela, “é como antibiótico e ajuda nas infecções urinárias”. Esse chá ela conheceu recentemente, através de uma senhora moradora da Vila dos pescadores no ano de 2018. Silvia destaca: “Esse é o melhor chá para mim, porque ele limpa a urina, já doei diversos galhos e todos gostaram, o carteiro já pediu 2 vezes de tão bem que fez”.

Aqui nesse caso, vemos a Silvia “educadora ambiental”, uma vez que ela dissemina entre amigos, vizinhos e familiares conhecimentos, mudas e sementes dessas plantas, o que contribui para a conservação da biodiversidade. Nesse contexto, é importante mencionar que a educação ambiental é de extrema importância para a sustentabilidade e conservação do meio ambiente. Sobre sustentabilidade, vale recordar Ana Julia do Amaral et al. (2019), quando sugere que a agricultura sustentável viabilizada uma relação entre o ser humano e a natureza que contesta a lógica de desenvolvimento da modernidade, indo ao encontro do que Silvia faz em sua prática de manejo.

Segundo Diesel (1994), a educação ambiental é uma ferramenta importante para a conscientização do cuidado com o meio ambiente. Como nos mostra o autor, ela é de extrema importância, pois os indivíduos conseguem adquirir conhecimentos, habilidades, valores sociais e atitudes que são direcionadas para a conservação do meio ambiente, qualidade de vida e a sustentabilidade.

Desse modo, para além de ser detentora de saberes ancestrais (que ela aprendeu com a mãe e a avó) sobre as plantas medicinais, Silvia também se revela uma “educadora ambiental”

quando distribui esses conhecimentos aos demais, como ocorreu com o carteiro, no relato acima. Vale ratificar, que Silvia aprendeu a consumir e preparar essas plantas com suas ancestrais, mas aprendeu também com livros e cursos sobre infusão, decocção e maceração. Segundo ela conta, já fez cursos presenciais, na UERGS e no Núcleo Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica – UERGS Unidade de Tapes (NEA), sobre agricultura biodinâmica e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). Também fez diversos cursos online no SENAR, EMBRAPA, SUS fitoterápico.

Silvia relata utilizar chás para a dor que tiver, quando está com dor de cabeça toma chá de mil-folhas, também conhecida como “aspirina”; chá de funcho para o estômago; para limpar a urina, chá de penicilina; para acalmar, chá de folha de maracujá, assim como chá de camomila e chá de capim-cidró. A interlocutora também utiliza ervas aromáticas; ela seca na sombra cascas, folhas, flores e dependendo da planta (camomila e anis, por exemplo), ela coloca dentro de um paninho com algodão, porque segundo ela, serve para colocar nas gavetas ou embaixo do travesseiro como calmante.

Relata gostar muito do cheiro da casca do fruto do bacupari nos sachês, possuindo um perfume amadeirado. Casca de canela também disse ser muito bom. Segundo ela “os sachês são bem fáceis de fazer, nesses saquinhos de coador de café coloca o que deseja de plantas e coloca uma fita e pendura no roupeiro, quando abre tem perfume de natureza”. Ainda sobre aromas, Silvia diz gostar de colocar flores em vaso, “margarida tem cheiro de mel, anis dá um perfume muito bom no ar. Tenho muitos limões, corto picadinho na garrafa pet e coloco água, serve de desinfetante”.

Já quando indagada, em entrevista, sobre como transformar essas plantas em remédio, ela responde: “com a bananinha do mato faço xarope para tosse, cozinho as bananinhas depois coloco mel até apurar e uns cravos da índia, depois de pronto se deve coar e tomo quando estou com tosse, xarope de coração de bananeira o mesmo processo”. Silvia ainda destaca o chá de infusão no qual pode ser realizado, como por exemplo:

com a marcela, cidreira, cavalinha, camomila, enfim com a maioria das plantas medicinais no qual coloca em uma xícara as folhas do chá, ferva a água e coloca na xícara e tampe por um minuto, depois vire o pires, esse líquido do pires é o processo ativo mais importante do chá, se preferir pode fazer na caneca esse mesmo processo.

Ao refletir sobre sua motivação diária para trabalhar com essas plantas, Silvia diz, em entrevista, que para ela é algo natural, e destaca “fico triste quando morre alguma [planta], já tive capim-cidró por cinco anos e morreu, dificilmente compro mudas, depois de dois anos fui

num curso e houve troca de mudas de chá, há três anos tenho novamente, agora plantei em três lugares e estão todos bonitos”. A interlocutora reflete que é uma “farmácia viva”, e que possui remédio a hora que precisa. Silvia é em meu entendimento “símbolo de sustentabilidade e saúde”.

Sobre a conservação da biodiversidade e o cultivo de plantas medicinais, Silvia reflete, em entrevista, que ela possui vários pés de funcho e que:

neles habitam as joaninhas que comem os pulgões, com as joaninhas as couves ficam bonitas, com a diversidade de plantas vem os passarinhos que de manhã cedo e a tardezinha comem os insetos, com a diversidade de plantas tem lagartixas, sapos, aranhas, até lagarto já apareceu na parte urbana, gambá, abelhas, abelhas sem ferrão, mamangava, essas tem ninho, deixo sempre um tronco seco para elas e muitas flores para o beija-flor.

Desta forma podemos compreender a importância das relações que Silvia destaca acima, relações das quais ela também faz parte; uma vez que ao conservar diversas espécies de plantas medicinais, esta guardiã, possibilita aos outros participantes dessa diversidade (isto é, animais, insetos e plantas) viverem o seu ciclo em harmonia. Assim percebemos a importância de Silvia neste contexto ambiental.

Sobre isso, Silvia faz mais um destaque, em entrevista:

Já estamos no quarto beija-flor que nasce na pitangueira e com toda essa diversidade o solo se transforma a cada ano e aumenta as minhocas e gongolos⁴, antigamente era em diversas partes alagado, hoje só com as podas e preparados biodinâmicos fomos transformando o solo em fertilidade, destaca ela.

Assim, refletindo sobre o porquê de a ver uma relação entre a conservação da biodiversidade e o cultivo das plantas medicinais Silvia responde, em entrevista:

As plantas medicinais todas tem flores e precisam dos insetos para polinizar, os pássaros precisam dos insetos, as sementes precisam cair no solo principalmente as nativas, elas caem e no outro ano nascem depende da estação um exemplo a transagem, marcela, boldo. É um conjunto de todas as espécies e a cultura das plantas medicinais contribui significativamente para todos os seres vivos, tanto as plantas, seres humanos, animais, insetos... é um quebra-cabeça que um precisa do outro para se encaixar e da certo.

Logo, podemos afirmar que Silvia, além de ser uma guardiã desses conhecimentos sobre plantas medicinais e atuar, mesmo que sem a intenção, como uma “educadora ambiental”, ela também se percebe como uma “farmácia viva”, o que reforça/confirma os dois primeiros

⁴ “gongolos são excelentes trituradores de resíduos sólidos e podem produzir um adubo orgânico que não deixa nada a desejar do composto gerado pelas minhocas” (ROCHA, 2017).

entendimentos. Afinal, ao mesmo tempo em que ela dá continuidade a esses conhecimentos (ao conservá-los e aprimorá-los em seu cotidiano), ela os dissemina, quando ensina para amigos, vizinhos, o “carteiro”, bem como a conhecidos em grupos de Whatsapp ou em oficinas, eventos e cursos, como cultivar e consumir essas plantas, assim como para que servem. Em todas essas situações, Silvia pode ser percebida como uma “guardiã de saberes”, que ao promover, podemos dizer, uma forma de “educação ambiental”, contribui para a conservação de práticas e conhecimentos que são promotores da conservação da biodiversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aprendizados sobre as plantas medicinais, passados de geração em geração, foram fundamentais para que Silvia continuasse a cultivá-las, bem como buscar ainda mais conhecimentos através de cursos e oficinas de manejo e cuidados com as plantas medicinais. Ao trilharmos a trajetória de Silvia, conhecemos muitas plantas e aprendemos os seus usos, assim como podemos compreender, mesmo que em caráter exploratório, a importância delas para a interlocutora desse estudo, a qual denominamos, aqui, como “educadora ambiental” e “guardiã dos saberes” tendo em vista seus relatos e ensinamentos.

Deste modo, inspirada em Renata Ribeiro e Renata Menasche (2021) que estudaram a circulação das PANC nas feiras, defino a Silvia como uma “guardiã” de saberes e práticas sobre plantas medicinais, porque assim como os interlocutores do estudo de Ribeiro e Menasche (2021), Silvia é quem sabe e ensina como cultivar e preparar essas plantas, o que contribui, como apontam as autoras, para a conservação de conhecimentos e da biodiversidade. Outrossim, temos que o cultivo e a utilização de plantas medicinais podem ser considerados como uma fonte de educação ambiental devido a aproximação do ser humano com a natureza, a preservação das espécies bem como o conhecimento popular sendo conservado, constantemente atualizado e passado através dos anos, como Silvia vem fazendo.

Por conseguinte, o estudo de caso aqui apresentado, mostrou-se relevante para o Desenvolvimento rural, porque através dele podemos acessar desde um ponto de vista micro (no caso, a trajetória da Silvia), a importância das plantas medicinais para a conservação da biodiversidade (contexto macro). Todos nós, ou ao menos quase todos, temos alguma história de utilização de plantas medicinais, seja com chás, pomadas, xaropes, e isso não deve se perder, por isso a importância de Silvia nesse contexto educacional de plantas medicinais.

Concluimos assim, que independentemente do avanço tecnológico dos medicamentos, os conhecimentos sobre plantas medicinais devem continuar sendo disseminados. As plantas medicinais fazem parte da história da humanidade e podemos cultivá-las e utilizá-las de diversas maneiras. E ainda, como diz Silvia, ter a oportunidade de usufruir de uma “farmácia viva” na porta de casa, mantendo, como nos sugere Ana Julia do Amaral et al. (2019), uma relação mais próxima com natureza, o que se contrapõe a lógica de desenvolvimento difundida na modernidade. Silvia também compõe esta “farmácia viva”; ela faz parte daquela natureza!

REFERÊNCIAS

- ABREU, Kátia. Quais são as plantas medicinais mais utilizadas no Brasil?. **Super interessante**, 14 de fev. de 2020. Disponível em: < <https://super.abril.com.br>>. Acesso em: 20 de setembro. de 2021.
- ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas medicinais**. Edufba, 2003.
- AMARAL, Ana Julia de et al. Experiências a cerca da agricultura orgânica na região metropolitana de Belém – PA: Perspectivas e apontamentos. **Seminário Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, Cooperativismo e Economia Solidária (SICCOOPES), 12., 2019. Castanhal, PA. Anais... Belém(PA): IFPA, 2019.**
- APLICARI. Tapes. **Guia turístico Brasil**, 2022. Disponível em: < <https://www.guiadoturismobrasil.com/>>. Acesso em: 16 de maio. de 2022.
- BRAGA, Carla de Moraes. Histórico da utilização de plantas medicinais. 2011.
- DE ANDRADE, José Maria Tavares. Antropologia do mundo das plantas medicinais. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 7, n. 1, 2009.
- DIESEL, Vivien. Educação Ambiental: Um tema démodé? **Revista Ciência & Ambiente**. Santa Maria: UFSM, n. 8. jan./jun. 1994.
- FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 61, p. 201-208, 2008.
- GALDINO, Valéria Silva. Das plantas medicinais e a biopirataria. In: **XV Congresso Nacional do CONPEDI, Manaus**. 2006. p. 1-19.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: **Editora da UFRGS**, 2009.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico**. Rio Grande do Sul, São Lourenço do Sul. Disponível em . Acesso em: 08 de outubro de 2021.

MACHADO, Amália. O que é pesquisa qualitativa?. **Acadêmica**, 2021. Disponível em: <<https://www.academicapesquisa.com.br/>>. Acesso em: 08 de outubro. de 2021.

MARQUES, Flávia Charão. Plantas medicinais, agricultura familiar e desenvolvimento rural - Dra Flávia Charão Marques. **Observatório observaDR**, 2015. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=W2agCn2xdL0>>. Acesso em: 03 de jun. de 2022.

RIBEIRO, R. T. A.; MENASCHE, R. Plantas Alimentícias Não Convencionais: tradição e biodiversidade na feira. In: **Seminário Internacional Gestão Integrada do Patrimônio Cultural**, 2021, Morro Redondo. Alimentação, Consumo e Cultura: perspectivas para Memória e Patrimônio. Morro Redondo, 2021.

RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral Ribeiro. **Novidade na Feira**: um estudo etnográfico envolvendo Plantas Alimentícias não Convencionais. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Porto Alegre. 2020.

ROCHA, Clarice. Conheça a gongocompostagem opção vantajosa para produção de adubo orgânico. **Embrapa**, 2017. Disponível em:<<https://www.embrapa.br/>>. Acesso em: 03 de jun. de 2022.

RODRIGUES, Vanda Gorete Souza. Cultivo, uso e manipulação de plantas medicinais. **Embrapa**, Porto Velho, março. de 2004. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/>>. Acesso em: 21 de setembro. de 2021.

SILVA, Sérgio Henrique Cardoso da et al. Plantas medicinais: tradições e saberes de mulheres de uma comunidade urbana do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2014.

SILVEIRA, Marcelo Anzolin; LASSEN, Manoel Francisco Mendes; BEUTER, Sidiane Betina. utilização das plantas medicinais e fitoterápicas o conhecimento popular em uma revisão bibliográfica histórica. **Salão do conhecimento**, 2013. Disponível em: <<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/>>. Acesso em: 22 de maio. de 2022.

APÊNDICE A — ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO

- 1) Pode me contar como as plantas medicinais surgiram para você e qual a importância delas na sua vida?
- 2) Você sempre fez uso de plantas medicinais? Quais? Com quem você aprendeu a consumi-las e a prepará-las?
- 3) Para qual finalidade você utiliza as plantas medicinais? Chás? Ervas aromáticas? Fale livremente.
- 4) Como você transforma essas plantas em remédio? Você pode me descrever algumas dessas receitas?
- 5) Qual a sua motivação diária em querer trabalhar com essas plantas? O que te instiga a plantar e cuidá-las?
- 6) Você vê relação entre a conservação da biodiversidade e o cultivo de plantas medicinais? Por quê?

APÊNDICE B — TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL - UFRGS**

NOME: Silvia Maria Hoff Ambrós

RG/CPF: 647 236 070-72

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "título do projeto/tcc" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso "título do projeto/tcc" – do Curso **Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo "descrever os objetivos".

A minha participação consiste na recepção do aluno "Nome completo" para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação (e a da propriedade/agroindústria/cooperativa/outra para a publicação no TCC.)

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura Silvia Maria Hoff Ambrós

Tapes
(Cidade local), 06/04/2022

PLAGEDER: Av. João Pessoa, 31 - 90040-000 - Porto Alegre - RS - Brasil - Fone: (51) 3308.3484 - Fax: 3308.32.81

<http://www6.ufrgs.br/plageder>

plageder@ufrgs.br